

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

“Poetry is the soul of the writer”: Aline Rochedo Pachamama and the poetic space of indigenous good living

Francisca Martim Cavalcante

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Araguaína/TO-Brasil

Eliane Cristina Testa

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Araguaína/TO-Brasil

Resumo

Este texto propõe uma leitura crítico-analítica de alguns poemas da obra “A poesia é a alma de quem escreve” (2015), de Aline Rochedo Pachamama, centrado na compreensão de como o conceito de bem viver indígena é expresso por meio da poesia da autora. O trabalho é qualitativo, bibliográfico e interpretativista, fundamentado em teóricos como Graúna (2013), Bonin (2015), Dorrico, Danner e Danner (2020), Kambeba (2021), Lacerda (2015), Munduruku (2018), Feitosa (2018), Krenak (2020), Nunez (2023), Testa e Albuquerque (2021). Alguns resultados apontam que a obra é uma expressão das relações de afeto e de troca com a natureza, celebrando a interconexão entre todos os elementos e a busca pela harmonia com os seres humanos. Assim, ecoa os princípios do bem viver indígena e convida à reflexão sobre o mundo natural e a importância de respeitar e preservar o meio ambiente para as gerações futuras.

Palavras-chave: Poesia indígena; Meio ambiente; Aline Rochedo Pachamama.

Abstract

This text proposes a critical-analytical reading of some poems from the work "A poesia é a alma de quem escreve" (2015), by Aline Rochedo Pachamama, focused on understanding how the indigenous concept of good living is expressed through the author's poetry. The work is qualitative, bibliographic and interpretive, based on theorists such as Graúna (2013), Bonin (2015), Dorrico, Danner e Danner (2020), Kambeba (2021), Lacerda (2015), Munduruku (2018), Feitosa (2018), Krenak (2020), Nunez (2023), Testa and Albuquerque (2021). Some results indicate that the work is an expression of affectionate and reciprocal relationships with nature, celebrating the interconnection between all elements and the search for harmony with human beings. Thus, it echoes the principles of indigenous good living and invites reflection on the natural world and the importance of respecting and preserving the environment for future generations.

Keywords: Indigenous poetry; Environment; Aline Rochedo Pachamama.

Considerações iniciais

Este texto apresenta algumas reflexões de como a poesia indígena pode expressar o espaço do bem-viver dos povos originários. Sendo assim, selecionamos como corpus deste trabalho alguns poemas da obra “A poesia é a alma de quem escreve” (2015), de Aline Rochedo Pachamama, apresentando uma leitura crítico-analítica dos poemas “Sou árvore”; “Tempo”; “Retrato” e “Versos solares”. Nesse viés, de acordo com a autora, a poesia indígena reflete de modo afetivo, cultural e político a riqueza e a complexidade da vida desses povos originários do Brasil. Lembrando que a concepção de bem viver, articula a ideia de harmonia com a natureza e todos os habitantes, oferecendo, assim, um conceito amplo e potente para diferentes reflexões acerca de como, nós, não indígenas, tratamos a terra e a vida.

Metodologicamente, é um trabalho qualitativo, bibliográfico e interpretativista. Como fundamentação teórica, utilizamos os seguintes autores: Graúna (2013), Bonin (2015), Dorrico, Danner e Danner (2020), Kambeba (2021), Lacerda (2015), Munduruku (2018), Feitosa (2018), Krenak (2020), Testa e Albuquerque (2021). A poesia de Pachamama ajuda o leitor a ser transportado para paisagens do bem viver indígena, no qual a natureza se revela em sua plenitude, ela é o centro da vida humana. À vista disso, utilizando diferentes metáforas e analogias, Pachamama consegue expressar o pulsar da vida, criando uma atmosfera poética afetiva e cultural.

Observamos a contextualização da obra de Pachamama (2015), dentro do panorama da poesia contemporânea brasileira e das influências das tradições indígenas na cultura latino-americana. Dessa forma, explora a história e as práticas culturais dos povos indígenas, destaca conceitos-chave do bem viver indígena e sua relevância na contemporaneidade. A poesia em “Pachamama” contribui para uma compreensão mais ampla do bem viver indígena, destacando suas implicações para a literatura contemporânea, para os estudos culturais e para relação com o território.

A metodologia parte de uma pesquisa, descritiva, com abordagem qualitativa e método bibliográfico. O levantamento dos dados se desenvolveu intercalando estudos teóricos e pesquisa bibliográfica em três fases: levantamento da literatura; exploração do material – etapa que corresponde à leitura e à descrição – e tratamento dos resultados obtidos para discussão.

A poesia indígena é escrita pelas comunidades indígenas em todo o mundo, como uma expressão artística e cultural que reflete a sabedoria, os valores e a visão de mundo dessas comunidades. Ela é escrita em diferentes línguas indígenas e pode ser transmitida oralmente ou por escrito. Essa forma de expressão artística é criada e compartilhada dentro de um contexto específico, geralmente em momentos de celebração, rituais, festivais e outros eventos culturais. Além disso, a poesia indígena também pode ser escrita em resposta a questões sociais, políticas e ambientais que afetam as comunidades indígenas.

Este estudo, afora as Considerações Iniciais, as Considerações Finais e as Referências, está dividido em três seções, a saber: (i) Perspectivas da poesia indígena: um lugar de afetos e de resistência; (ii) Bem-viver indígena: caminhos possíveis para um mundo melhor; (iii) Uma leitura de alguns poemas da “A poesia é a alma de quem escreve” (2015), de Aline Rochedo Pachamama.

Perspectivas da poesia indígena: um lugar de afetos e de resistência.

A poesia indígena está presente em diferentes manifestações culturais e tradições dos povos originários, ela está fortemente ligada aos cantos, assim, está presente na oralidade desde sempre, com ritmo, dança e se expande em vários espaços sagrados e nos diferentes rituais dos povos das florestas. Mas, como expressão escrita literária tem se firmado nos anos de 1970 com Eliane Potiguara, podemos dizer que ela tem sido uma das maiores defensoras da poesia indígena, publicando obras e trazendo ao mundo novas oportunidades de leitura poética.

A poesia indígena pode atravessar diversas formas como expressão cultural e intelectual, incluindo cantos, danças, narrativas orais e/ou outras formas de criações literárias. Nesse sentido, Pachamama (2020, p. 12) corrobora que “[...] para honrar nossas ancestrais, escrevemos. Escrevemos porque há uma floresta em nós, afetos e uma luta. Escrevemos para desconstruir registros colonizadores [...]”. Assim, a poesia indígena está para além da linguagem estética, promovendo um ambiente de resistência cultural e de pertencimento, ressaltando a cultura ancestral como viva e essencial para os dias atuais.

Para Cotta *et al.* (2022), essa expressão cultural poética pode ser definida como a voz indígena que se posiciona e apresenta uma resignificação da história a qual conhecemos, refletindo a identidade de quem a reverbera. Desse modo, autores indígenas, enunciam suas pertencas ancestrais de maneira estética e criativa, desconstruindo noções preconceituosas de que a poesia indígena seria “menor” porque não está no cânone literário.

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

Ainda diante da perspectiva da produção poética, Testa e Albuquerque (2021) concordam que a poesia é uma forma artística que permite explorar e expressar as mais profundas emoções e reflexões sobre a vida e a experiência humana. Nesse sentido, ao longo dos séculos, inúmeras vozes têm encontrado nas palavras poéticas um canal para transmitir histórias, culturas, afetos e cosmovisões.

Nesse contexto, Kambeba (2020) salienta ser a poesia uma ferramenta para a reflexão sobre as ações, as reações e os preconceitos. A autora define como lugar de afeto, no qual se aprende a conviver com as diferenças, destacando o respeito ao tempo e ao espaço do outro, da natureza, de nós mesmos “indígenas”. Trata-se, sobretudo, das relações de pertencimento unidas à escrita, representando uma motivação à questão do pertencimento e “[...] sobre a afirmação de ser indígena vivendo em aldeia ou cidade, conversando com a sociedade, num convite dinamizado pela prática da multiculturalidade, sem perder o amor, respeito e solidariedade” (Kambeba, 2020 p. 95). Assim, vemos as práticas da multiculturalidade transmitidas e vividas de vários modos.

À vista disso, as diferentes expressões literárias demonstram uma profunda reverência pela terra e pelos seus elementos, evocando uma conexão emocional com a natureza que ressoa com os princípios do bem viver indígena. Sendo assim, a poesia pode expressar noções importantes da cosmovisão dos indígenas em relação à vida e à natureza, buscando transmitir uma ideia forte de pertencimento à terra e à ancestralidade, promovendo, talvez, uma consciência ambiental mais profunda entre os leitores.

Risério (2018) define a poesia como um dos mais fascinantes espécimes textuais, uma expressão cultural viva e vicejante. Nesse sentido, destacamos a importância da poesia indígena como uma forma de expressão que vai além de questões estético-formais, pois no conteúdo configura-se como um espaço de conexão emocional. Além disso, pode representar uma estratégia de preservação cultural e de resistência contra opressões históricas e resquícios do pensamento colonial. Outrossim, a poesia indígena, muitas vezes, aborda temas como a relação com a terra, a espiritualidade, a luta pela sobrevivência cultural e a reivindicação de direitos, oferecendo, nesse sentido, uma voz autêntica e poderosa aos povos indígenas.

Considerando Kambeba (2018), na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem um peso ancestral muito grande, ela pode conter a história de um povo, histórias de vida,

identidades plurais, formas de espiritualidades etc. A literatura indígena, a escrita e o canto carregam um peso ancestral. Isso sugere que ambos não são apenas formas de expressão artística, mas também veículos de preservação e de transmissão de conhecimentos, histórias e identidades de um povo. Assim, a transmissão pela literatura traz uma forma mais profunda e viva, podendo, ainda, transcender a simples comunicação de ideias.

Sendo assim, ao nos depararmos com determinadas perspectivas e/ou temáticas na poesia indígena, nós leitores, reconhecemos a diversidade e a riqueza das tradições indígenas, ampliando a nossa noção de literaturas plurais.

Ademais, a literatura indígena pode trazer uma conexão intrínseca com a história de vida destes povos e noções de identidades de um povo. Isso implica que cada palavra escrita ou cantada está carregada de significados múltiplos, os quais vão além do entendimento individual para incluir uma consciência coletiva e histórica. A escrita indígena não é apenas um ato individual, mas um reflexo de uma comunidade inteira, suas experiências e suas visões de mundo.

Para Krenak (2020), os poemas indígenas estão impregnados de simbologias e de referências repassadas ao longo de anos de convivência com os mais velhos, considerados sábios e guardiões dos saberes. Isso destaca a importância da oralidade e da transmissão intergeracional de conhecimentos na cultura indígena. As histórias, os ensinamentos e as tradições são passados de geração em geração, garantindo a continuidade e a preservação da identidade cultural.

Nesse contexto, Kambeba (2018) discute a prática da oralidade e reforça a não cristalização no tempo, mas continua a ser uma parte integrante da cultura indígena. Isso reflete a dinâmica e a adaptabilidade das culturas dos povos originários, mantendo suas tradições vivas e relevantes enquanto se adaptam às mudanças contemporâneas. A oralidade não é vista como uma prática estática do passado, mas como um elemento vital e em constante movimento e evolução da cultura indígena.

Também sabemos da riqueza e da complexidade da literatura indígena, destacada por suas singularidades, especialmente, por mobilizar traços de vozes coletivas e da ancestralidade. A escrita indígena e o canto, por exemplo, são impregnados de simbologias ancestrais e de referências culturais, são mais do que simples formas de expressão; podendo se expressarem como pilares da identidade coletiva e da continuidade cultural. Nesse viés, a perpetuação da oralidade é uma prática viva e dinâmica, podendo ser reforçada por meio da

escrita, assim, tornando-se uma oralidade-escrita, adaptando-se às novas realidades e/ou às mídias.

Bem viver indígena: caminhos possíveis para um mundo melhor.

Nesta seção, trazemos, de modo breve, alguns conceitos e reflexões sobre o bem-viver indígena, também conhecido como “sumak kawsay” ou “suma qamaña”, conforme Lacerda e Feitosa (2015), em algumas línguas indígenas, é um conceito filosófico e cosmológico que emerge das tradições e cosmovisões dos povos indígenas da América Latina.

De acordo com Lacerda e Feitosa (2015), o bem viver representa uma abordagem holística e integrada da vida, baseada na harmonia e no equilíbrio entre os seres humanos, a natureza e o cosmo. Esse conceito tem sido, cada vez mais, reconhecido como uma alternativa ao paradigma ocidental de desenvolvimento centrado no crescimento econômico, enfatizando a qualidade de vida, a interdependência e a sustentabilidade.

Bonin (2015) explica que o bem viver indígena está fundamentado em diversos princípios e valores, podendo variar de acordo com as diferentes culturas e tradições indígenas, geralmente incluem a reciprocidade, a partir da ideia de os seres humanos serem interdependentes e terem uma relação de troca com todos os seres vivos, dependendo do meio ambiente para viver. Isso implica respeitar a terra e cuidar dela, dos recursos naturais e das gerações futuras.

Há também a questão do equilíbrio, ou seja, a busca por um equilíbrio harmônico entre os diferentes aspectos da vida, incluindo as dimensões espirituais, sociais, econômicas e ambientais. Com efeito, reconhecer os limites dos recursos naturais e viver de forma sustentável dentro desses limites. Também, há a ideia de comunitarismo, isto é, o valor da comunidade e das relações sociais, principalmente, como base para a vida em sociedade. Dessa forma, inclui a partilha de recursos, a solidariedade entre os membros da comunidade e a tomada de decisões coletivas que beneficiem a todos. Além disso, baseados em Bonin (2015), podemos falar de uma forma de espiritualidade, a qual seria o reconhecimento da espiritualidade, como uma dimensão fundamental da existência humana. Por isso, ressalta-se a existência da importância de se manter uma conexão profunda com os elementos sagrados da natureza e do cosmos. Ademais, há o pluralismo, isto é, o respeito pela diversidade cultural, étnica, linguística e de pensamento, e, ainda, a valorização das diferentes formas de conhecimento e de sabedoria presentes nas comunidades indígenas.

De acordo com Lacerda e Feitosa (2015), o bem viver indígena não é apenas um conceito teórico, mas uma prática cotidiana que orienta a forma como muitos povos indígenas vivem, relacionam-se com o mundo e se posicionam diante dos desafios contemporâneos, como a degradação ambiental, a desigualdade social e a perda de identidade cultural. É uma visão de mundo capaz de oferecer lições valiosas para a construção de sociedades mais justas, sustentáveis e compassivas para todos os seres vivos.

Krenak (2020) apresenta o bem viver como uma filosofia de vida que desafia a hegemonia do desenvolvimento capitalista e da modernidade ocidental, sublinhando a necessidade de resgatar e valorizar os saberes ancestrais, promover a sustentabilidade, a justiça social e a espiritualidade. Para o autor, trata-se de uma visão holística e comunitária e propõe uma profunda reavaliação dos valores e práticas que orientam nossas sociedades. À vista disso, uma das características centrais do bem-viver é a noção de interdependência e de coletividade. Os povos indígenas vivem em um sistema de relações as quais inclui não apenas os seres humanos, mas também os animais, as plantas, e os espíritos da natureza. Desse modo, incorpora uma relação sagrada com a terra e com todos os seres, promovendo uma vida de respeito e gratidão.

Ademais, Nunez (2023, p. 114) ressalta: “Precisamos do ar, da água, da terra, do alimento; precisamos uns dos outros o tempo todo. Nossa interdependência e cuidado circular fazem a saúde da vida”. Nesse sentido, nós, seres humanos, somos codependentes um dos outros, não temos autossuficiência para vivermos sozinhos ou sem a natureza. Somente as narrativas da ideologia dominante celebram a independência individual. A autora argumenta que essa perspectiva é uma ilusão e, na realidade, sempre dependemos de uma vasta rede de suportes. Essa dependência não deve ser vista como uma fraqueza, mas como uma condição natural da existência humana para nossa sobrevivência. Por isso, a aceitação desta interdependência pode levar a sociedades mais solidárias e sustentáveis.

À vista disso, ressaltamos que todos os seres merecem o "bem viver", pois esse modo de pensar, ver e sentir a vida está imbuído de uma noção de valorização de cada ser existente sobre a mãe terra, pois respeita-se a vida em todas as suas formas viventes, reconhecendo, assim, o valor intrínseco da interdependência e suas contribuições coletivas para a sociedade. Isso contrasta fortemente com a visão de uma sociedade capitalista e neoliberal, pautada na exploração do homem pelo homem e na destruição da natureza, sustentada por um

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

pensamento de um avanço tecnológico a todo custo e uma noção de progresso perverso. Também Nunez (2023) afirma:

A noção colonial de exploração da terra, dos rios, das matas, é a mesma que opera na exploração do nosso território-corpo, esgotando-o, cansando-o, exaurindo-o. A vida é um laço de interdependências, e, para que seus fluxos se movimentem de maneira saudável, é necessário que o cuidado seja reparador. Todos os seres merecem bem viver para além de sua utilidade, de sua funcionalidade para os outros. Que as expressões afetivas sejam também sobre transbordamentos e abundâncias, e não apenas sobre faltas e necessidades (Nunez, 2023, p. 114).

Desse modo, consequentemente, a exploração que está na base do sistema capitalista, ainda carrega fortemente a “noção colonial de exploração da terra”, não vai compactuar com a ideia de bem viver indígena, pois advoga por uma valorização intrínseca de que todos os seres são fundamentais para a vida, promovendo, assim, um entendimento de vida o qual celebra a abundância e a plenitude das relações afetivas e naturais. Também esses laços de interdependências se movimentam com uma ideia de rede mais saudável e de bem-estar humano, sugerem que adotar os princípios do “bem viver” pode oferecer uma alternativa vital e holística para enfrentar os desafios contemporâneos, promovendo, quiçá, um modelo de coexistência mais harmonioso e/ou mais sustentável.

Uma leitura de alguns poemas da “A poesia é a alma de quem escreve” (2015), de Aline Rochedo Pachamama.

Pachamama é uma poeta indígena brasileira contemporânea e sua obra poética “A poesia é a alma de quem escreve” (2015), versa sobre temas relacionados à natureza, à espiritualidade e à conexão com a terra. Nascida em Minas Gerais, Brasil, a referida poeta tem se destacado por sua sensibilidade poética e sua cosmovisão acerca da terra e do bem-viver. Ao lermos o livro, como um todo, verificamos que seus poemas expressam e buscam discutir de modo expandido a relação entre, nós, humanos, e o meio ambiente.

Nesse contexto, Pachamama consegue propor uma profunda reflexão sobre a “Mãe-Terra”, explorando a reverência pela natureza, a interconexão de todos os seres vivos e a importância de viver em harmonia com o meio ambiente. O título “Pachamama” faz referência à divindade andina da terra na mitologia inca, ressaltando a influência das culturas indígenas em seus versos. Graúna (2013) tem estudado e teorizado sobre a literatura indígena ressalta:

[a] literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas

e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (Graúna, 2013, p. 15).

Nesse sentido, a poesia de Pachamama muitas vezes ecoa os princípios do bem-viver indígena, valorizando a relação respeitosa com a natureza, a reciprocidade nas relações humanas e a busca pela harmonia entre todos os seres vivos. Suas palavras são um convite à reflexão sobre nossa conexão com o mundo natural e a importância de preservar e respeitar o meio ambiente para as gerações futuras.

A estrutura da poética adotada na obra posta em tela de análise, pode variar dependendo do poema, mas, geralmente, os poemas apresentam muitas características encontradas na poesia contemporânea brasileira. Lembremos que forma e conteúdo em poesia não se separam, e ao adentrarmos nas camadas poéticas, podemos citar o uso de versos livres, ou seja, a poeta não segue um padrão rígido de métrica ou de rima, conferindo, desse modo, uma liberdade maior no jogo rítmico e/ou na cadência dos versos, em que a expressão das frases possam ficar mais fluída e/ou mais orgânica. Além disso, sua poesia é rica em imagens sensoriais e evocativas, fazendo-a alcançar uma expressão fanopeica (Pound, 2006), sendo pintada uma natureza específica, especialmente, em suas relações complexas e experiências humanas. Ademais, Pachamama utiliza metáforas, símbolos e descrições vívidas para criar uma atmosfera poética convidando o leitor a mergulhar nas paisagens e nas emoções retratadas. Outrossim, frequentemente utiliza uma linguagem simbólica em sua poesia, fazendo referência a elementos da natureza, mitologia, espiritualidade e cultura. Esses símbolos são usados para transmitir significados mais profundos e universais, enriquecendo a experiência poética.

Quanto ao conteúdo, os temas mais recorrentes em sua poesia incluem a relação entre os seres humanos e a natureza, a espiritualidade, a busca pela autenticidade e a conexão com as raízes culturais indígenas. Esses temas são explorados de maneiras variadas, ao longo de sua obra, oferecendo uma visão multifacetada da experiência humana.

A poesia de Pachamama pode ser vista como uma expressão artística que dialoga com os princípios e valores do bem-viver indígena, oferecendo uma reflexão contemporânea sobre nossa relação com o mundo natural e as comunidades humanas. Passemos, a seguir, as leituras crítico-analíticas dos poemas selecionados como *corpus* deste trabalho. Vejamos, o poema “Sou árvore”, de Pachamama:

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

Sou Árvore.

Entre nós, a Palavra.
Neste céu e Terra, a correspondência.
Eu desejo a Vida.
E confesso:
Duvido de quem não fala com paixão,
Evito quem não gosta de crianças,
Suspeito dos não sensíveis,
Lamento pelas pessoas não recíprocas e
por quem não se abre aos horizontes diários.
Mas contemplo a planície dos sonhos,
E aproximo-me de ti para revigorar minha
essência.
Escrevo cartas.
Coleciono mudas de flores, pedras, discos e livros,
gentes.
Pinto flores-folhas nas paredes e simulo as águas
de um rio verde.
Eu falo: Bom dia! Converso com a terra e com
quem habita
nela.

Eu caminho...
E respeito quem por mim passa.
Muitos eu abraço, levo-os comigo... E Amo desde
o princípio.
Respiro quem fica,
Respeito quem segue.
Pois não são todos e nem poderia.
Eu cuido. Eu ouço.
Eu aprendo, eu me rendo.
Eu canto, eu danço,
Eu supero.
Eu acredito.
E vejo a felicidade nos detalhes.
Trago a alma pra música e levo a música pra alma.
Ancestralidade, arte, simplicidade.
Porque tudo faz parte.
Não sou imparcial.
Sou
Árvore.
(Rochedo, 2015, p. 29).

No poema “Sou árvore”, há desde o título, uma personificação do elemento árvore, uma ideia de transmutação do ser humano em árvore, é uma metáfora também. Nesse sentido, consoante as ideias Bonin (2015), e, compreendendo o bem viver como filosofia e uma prática indígena provida de uma proposta ancestral de complementaridade, de harmonia e de reciprocidade entre homem e natureza e todos os seres que dela fazem parte estão integrados, podemos verificar no poema o princípio de reciprocidade no seguinte verso: “Neste céu e Terra, a correspondência”.

Além disso, conseguimos identificar mais três princípios conforme Bonin (2015), primeiro, é o de equilíbrio: “Eu falo: Bom dia! Converso com a terra e com quem habita nela” e “Porque Tudo faz parte”, segundo o comunitarismo: “E respeito quem por mim passa / Muitos eu abraço, levo-os comigo... E Amo desde o princípio”, terceiro, é a espiritualidade: Trago a alma pra música e levo a música pra alma / Ancestralidade, arte, simplicidade. / Porque Tudo faz parte”. Sendo assim, os princípios e as ideias do bem viver surgem articuladas nas palavras poéticas, nas ideias expressas como conexão, como trocas, a partir também de uma ideia mais holística da vida, que consegue atravessar a relação homem-natureza, é o todo com valor atemporal e plural.

Assim, no referido poema, a ideia de uma interdependência dos elementos, em que a chave-mestra é a “árvore”, é ela o agente associado a tudo: palavra “Entre nós, a

Palavra.”, sensações, memórias, diferentes afetividades, assim, a “poeta-árvore”, consegue expressar uma profunda relação com a natureza e seus habitantes. Além disso, de modo político e crítico, frente a tantas frentes de destruição da natureza, a poeta indígena afirma: “não sou imparcial”, e enfatiza, dessa maneira, seu ponto de vista acerca da importância de “ser árvore”, ou seja, colocarmo-nos como árvore, tornarmo-nos natureza, e, então, sentir a árvore como algo sagrado e vivo. Quiçá, com a ideia de que o sagrado e o amado não destruímos, uma ideia cara a nós.

À vista disso, ao explorar versos como os encontrados no poema “Sou árvore”, Pachamama traz à luz o bem viver indígena. É possível constatar toda uma expressão artística, bem como uma reflexão profunda sobre nossa relação com a natureza e as comunidades humanas. Logo, a sua poesia, pode ser um “chamamento” dos sujeitos a uma reconexão com a terra e com seus elementos, em que os valores da sabedoria ancestral dos povos indígenas pulsam nas “palavras-vivas”, buscando imprimir, por meio da poesia, imagens de maior significância, em um mundo onde se “sonha” mais sustentável e afetivo para todos os seres vivos.

A seguir, analisemos o poema “Tempo”. Trata-se de uma meditação poética sobre a natureza e o tempo, e a influência sobre a vida e as emoções humanas. Assim, por meio de metáforas vívidas e um jogo de palavras estratégicos, o qual consegue capturar a essência do tempo, como uma força criativa, transformadora e persistente. Sendo assim, ele nos convoca a uma reflexão profunda da “Máquina de fazer sonhos”, e nos leva a pensar como o tempo molda nossas experiências, bem como escolheríamos viver cada momento da vida. Vejamos o poema:

Tempo

Máquina de fazer sonhos
Uma canção com ritmos variados
E os mil compassos na nota musical
O ciclo da terra e a primavera
Uma eternidade finita
Escrita, cantada, dançada
Sentida e por mim não datada
Tempo
Nas fases da lua
Nas estrelas escondidas
No uivo que vento entoa
Nas tempestades dos mares
Na variedade dos seres
Na capacidade de adaptar-se
Na faculdade de compreender-se.

Tempo

São fotografias de família
São lendas que explicam o inexplicável
São sorrisos e abraços
São valores incalculáveis
São os cheiros de presença
E os cheiros de sabedoria
Um quê fixado na memória.
São perenes alegrias.
Tempo
Será escolha
Opção e vontade
Desejo e persistência
Do temor: ausência
Da opinião: mudança
A folha não tão verde da árvore

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

A travessura da criança
O viver sem idade.
Tempo
Deleite sem pressa dos momentos
São reticências versadas
São quadros decorados na alma
Acalma a fala amiga

Palavras afáveis de luta e bondade
Na chance de outras oportunidades
Novos horizontes
Doce saudade.
(Rochedo, 2015, p. 37-38)

O poema “Tempo” explora a complexidade e a multifacetada natureza do tempo por meio de uma série de imagens poéticas e de reflexões filosóficas, em que o tempo é como uma “máquina de fazer sonhos”, construindo uma ideia de força criativa e transformadora. As metáforas musicais (“canção com ritmos variados”, “mil compassos na nota musical”) sugerem uma harmonia e uma variação de acontecimentos que o tempo imprime à vida. A “eternidade finita” é uma expressão paradoxal a qual captura a dualidade do tempo, pois embora pareça infinito, sabemos da limitação e finitude de cada momento.

O poema traz o conceito de tempo por meio de fenômenos naturais e biológicos (“fases da lua”, “tempestades dos mares”, “variedade dos seres”). Há a presença constante do tempo na natureza e sua capacidade de adaptação e de compreensão. Nessa perspectiva o tempo é retratado como uma força universal que permeia todas as formas de vida e todos os processos naturais, representado pelas memórias e pelas emoções humanas (“fotografias de família”, “lendas que explicam o inexplicável”, “sorrisos e abraços”). Assim, nesse poema, o tempo é visto como um guardião de valores e de experiências pessoais, um repositório de sabedoria e de alegria perene. Já as “fotografias” e os “cheiros de presença” evocam a ideia de que o tempo captura momentos importantes e os preservam na memória.

Kambebe (2018) ainda destaca a profunda interconexão entre a escrita, o canto e a ancestralidade na literatura indígena, ressaltando as relações de afeto e do bem-viver. E, ao analisarmos os poemas “Retrato” e “Versos Solares”, temos uma visão profunda e contemplativa sobre o papel do afeto na vida das pessoas. O poema “Retrato” expressa o modo como a arte pode capturar e amplificar o afeto, enquanto “Versos Solares” destaca a importância do afeto na superação das dificuldades diárias e na promoção do bem-estar emocional. Juntos, eles apontam o afeto como indispensável a todas as facetas da existência humana. A seguir, apresentamos os poemas supracitados:

Retrato

Eu te sigo com meus olhos,
Mas você não sabe.
Eu vejo as mesmas pessoas,
E as mesmas paisagens.
A agitação da cidade ou a passividade dos campos.
Vejo-te nas cores das frutas, das lutas,
nas flores e nuvens,
na gota de orvalho da folha de outono.
No tumulto das feiras em dias de domingo.
E sinto o vento que te fez companhia.
Há algo que ninguém faz como você,
E há algo que somente você faz:
Despertas o sorriso aprisionado,
E a ternura abandonada em sombras.
Recrias as mazelas que compõe a vida num ângulo
belo.
Hoje, trouxe-me o frescor que ficou depois que a
chuva passou.
Os tons do fim da tarde de todas as estações.
O barulho feliz que as crianças produzem quando
brincam.
As inquietações frente às injustiças as quais juntos
lutamos.
Os sonhos de tantos. As lamúrias de poucos.
Sua arte brota do Universo Terra,

Infinito singular de cada transeunte.
As pessoas querem te encontrar,
Porque contigo o melhor delas e nelas é desperto.
Querem se vestir de sentimentos cuidados.
E no minuto em que você está perto,
Esquecem as dores, as decepções,
a fome e o cansaço.
Lançam-se esperançosas
No breve eterno em que são fotografadas.
Todos em você são protagonistas:
Os que acordaram cedo para o trabalho,
Os que cuidam da terra e hortaliças.
O moço que trabalha no circo. A moça que ajeitava
cabelo
no ônibus.
Gente simples, gente pobre, gente terna é gente
rica.
Teu caminho é esse, fotógrafo.
Desafias o tempo e infinita os minutos inquietos.
Nas frases escritas na pele, naquilo que o coração
pressente.
Porque a foto não é a foto,
É a alma de quem fotografa.
(Rochedo, 2015, p. 35-36)

“Retrato” é um poema que homenageia a arte da fotografia e o fotógrafo. Ele explora como o fotógrafo captura a essência das pessoas e dos momentos, transformando o ordinário em extraordinário. Aborda o afeto de maneira sutil, mostrando como a arte pode despertar sentimentos de ternura e de esperança nas pessoas. A relação entre o fotógrafo e seus sujeitos é descrita como uma troca de emoções, em que o afeto é o elemento central transformador e elevador dos momentos capturados. Krenak (2020) fala de espaço “território” como a construção do coletivo de seu povo, como coletivo que habita um lugar. Um espaço não referido a um recurso ou algo que alguém possa se apropriar. Nesse sentido, a frase “Despertas o sorriso aprisionado, e a ternura abandonada em sombras” exemplifica como pode resgatar e intensificar esses sentimentos de afeto nas pessoas, tão associado ao bem viver. Ainda, no poema “Versos solares” apresentado a seguir:

Versos Solares...

Nem sempre os olhos sorriem num diálogo
Nem sempre o locutor sabe ser ouvinte
Nem sempre o coração pulsa,
Por um amigo, uma ideia, uma relação.
Nem sempre as pessoas são aquilo que pensam
E há aqueles que nem sabem que são

Mas há gente simples que cuida da terra
E há ainda quem transforma o grão
Há quem não se importa se foi rude
E os que ignoram a palavra-ato
Mas há quem faz poesia
E os que semeiam no cascalho
Nem sempre o desejo se materializa

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

Nem sempre dormiremos felizes
Mas há quem desperta Auroras
E há perfume na flor de íris
Nem sempre somos compreendidos
E nem sempre temos razão
Mas há quem mesmo ferido
Contempla uma outra estação
Nem sempre resistência significa força
E calar pode ser um grito
Há de se pensar em tolerância
Nas entrelinhas do gesto dito.
Nem sempre há correspondência
Nem sempre o discurso convence
Ideias fragmentadas
Não germinam ideais vigentes

Nem sempre conhecemos nossos limites
E nem sempre racionalidade é prudência
São diários desafios
Reações e consequências
E há quem não precise falar
Sonoros verbos transitivos
Eu cuido das estrelas do mar
No céu de ondas indizível
São nossos os olhos que sorriem
Sinta seu coração amado
A verdade?
- Afeto cura.
E os meus versos solares falam.
(Rochedo, 2015, p. 69-70)

Em “Versos Solares” vemos a complexidade das relações humanas, as dificuldades e as belezas da vida cotidiana. O poema aborda temas como a incompreensão, a simplicidade, a poesia e a resiliência. Também coloca o afeto no centro das interações humanas, sugerindo o cuidado, a poesia e a compreensão como superadores das adversidades do mundo. Além disso, no verso “A verdade? - Afeto cura” mobiliza a chave do poema, a capacidade de o afeto trazer cura e conforto. Além disso, o poema celebra aqueles que, mesmo diante de dificuldades, continuam a espalhar amor e esperança, confirmado na expressão “há quem desperta Auroras”.

Acerca dos dois poemas analisados nos parágrafos anteriores, o afeto é explorado como um elemento essencial da experiência humana. Em “Retrato”, o afeto é capturado e eternizado por meio da lente do fotógrafo, revelando como a arte pode tocar e transformar vidas. Em “Versos Solares”, o afeto é retratado como uma força curativa transcendendo palavras e ações, sugerindo que as relações humanas dependem, afetivamente, da capacidade de amar e de cuidar uns dos outros.

A poesia de Pachamama é vista como uma expressão contemporânea das relações entre os seres humanos e a natureza, refletindo princípios fundamentais do bem viver indígena. Para Kambeba (2021), a poesia indígena, explora temas como a reverência à terra, a interconexão entre todos os elementos da natureza e a busca pela harmonia entre os seres humanos e o ambiente que os cerca. Esses temas ressoam com a filosofia do bem viver indígena, valorizando a coexistência pacífica com a natureza, a reciprocidade nas relações humanas e a busca pela equilibrada convivência entre todos os seres vivos.

Na obra de Pachamama, encontramos uma sensibilidade poética a qual reflete uma profunda conexão espiritual com a natureza, Testa e Albuquerque (2021) reforçam que a poesia faz parte da existência humana e aciona uma valorização da simplicidade e da autenticidade, e uma preocupação com a preservação e o respeito ao meio ambiente. Esses elementos são centrais no conceito do bem viver indígena, que reconhece a terra como uma entidade viva e sagrada, e enfatiza a importância de viver em harmonia com todos os seres vivos.

Assim, a poesia Pachamama e o bem viver indígena convergem em sua preocupação com a preservação da natureza, o respeito à diversidade cultural e a promoção de uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e o meio ambiente. Ambos nos convidam a repensar nossas relações com o mundo e a buscar uma forma mais equilibrada e compassiva de viver em comunidade.

À guisa de considerações finais

Ao explorar a poesia de Aline Rochedo em “Pachamama” à luz do conceito do bem viver indígena, podemos concluir que sua obra oferece uma poderosa expressão contemporânea das relações entre os seres humanos e a natureza. Através de imagens evocativas, linguagem simbólica e uma sensibilidade poética única, Rochedo nos convida a refletir sobre a importância da conexão espiritual com a terra, a reciprocidade nas relações humanas e a busca pela harmonia entre todos os seres vivos.

A poesia de Rochedo ressoa os princípios fundamentais do bem viver indígena, que valoriza a coexistência pacífica com a natureza, o respeito pela diversidade cultural e a busca por um equilíbrio entre as necessidades humanas e os limites do meio ambiente. Seus poemas nos lembram da importância de preservar e honrar a terra como uma entidade viva e sagrada, e de reconhecer nossa interdependência com todos os seres vivos.

Ao mesmo tempo, a obra de Aline Rochedo nos desafia a repensar nossas relações com o mundo e a buscar uma forma mais autêntica e sustentável de viver em comunidade. Sua poesia nos convida a reconectar com as raízes culturais, a valorizar a sabedoria ancestral dos povos indígenas e a buscar uma existência mais significativa e compassiva para todos os seres vivos.

Em última análise, a poesia de Aline Rochedo em “Pachamama” não apenas nos oferece uma visão poética e inspiradora da natureza e da espiritualidade, mas também nos convida a refletir sobre nosso papel como seres humanos dentro da grande web da vida. É

“A poesia é a alma de quem escreve”: Aline Rochedo Pachamama e o espaço poético do bem viver indígena

uma obra que ressoa com a sabedoria dos povos indígenas e nos desafia a encontrar um caminho para viver em harmonia com a terra e uns com os outros.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BONIN, Iara. O bem viver indígena e o futuro da humanidade. **Encarte Pedagógico X Jornal Porantim**, 2015. Disponível em: <https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade>. Acesso em: 8 fev. 2024.

COTTA, Valdirene Aparecida et al. Poesia, identidade e resistência na lírica indígena de Márcia Kambeba. **Nova Revista Amazônica**, [S. l.], v. 10, n. 1, jun. 2022.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; BONFIM, Zulmira Aurea Cruz. O bem viver indígena como compromisso ético-político-afetivo com a coletividade. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 3., 2018, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2018.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

KAMBEBA, Marcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

KAMBEBA, Marcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. 2. ed. São Paulo: UK'A, 2021.

KAMBEBA, Marcia Wayna. O olhar da palavra. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo: Cultura do Bem Viver, 2020.

LACERDA, Rosane Freire; FEITOSA, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. **Interritórios: Revista de Educação UNESP**, Caruaru, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Entrevista com Daniel Munduruku. **Revista Acrobata**: literatura audiovisual e outros desequilíbrios, Teresina, n. 9, nov. 2018.

NUNEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **A poesia é a alma de quem escreve**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2015.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

RISÉRIO, Antônio. Palavras Canibais. In: DORRICO, Julie et al (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

TESTA, Eliane Cristina; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Poesia Apinayé/Português: Contribuições para a Literatura Indígena. **JNT - Facit Business and Technology Journal**, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 36-55, fev. 2021.

Sobre as autoras

Francisca Martim Cavalcante

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT 2014) e mestrado em Ensino de Língua e Literatura pela UFT (2018). Tem experiência na área de Letras. É membro do Grupo de Pesquisa Etnolinguístico e Cultural na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da UFNT.

E-mail: franciskavalcante@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5405-589X>

Eliane Cristina Testa

Pós-doutorado com ênfase em etnopoiesia, poesia Apinayé/Português, poesia indígena - PPGL/UFT (2019-2020). Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP 2015). Mestrado em Letras pela (UEL/PR 2002). Professora no Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins /UFT/ Câmpus de Araguaína. Atua no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL - UFT), no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) e nos grupos de pesquisa LES (Linguagem, Educação e Sustentabilidade) e Guarda-chuva: crítica polifônica (geopoiesia).

E-mail: poetisalia@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

Recebido em: 17/04/2024

Aceito para publicação em: 30/07/2025